

Lugar abandonado? Uma análise das potencialidades do Norte de Minas

Patrine Soares Santos¹
Anderson Cavalcante²

Resumo: Em face da desigualdade socioeconômica e produtiva entre Norte e Sul de Minas Gerais, é importante avaliar a inadequação de modelos de desenvolvimento de tamanho único, que desconsideram as especificidades, limitações e potenciais das regiões, em particular as periféricas. A literatura tem destacado a necessidade de avaliar as regiões abandonadas, que não recebem protagonismo em planos de desenvolvimento. Deste modo, este estudo tem por objetivo analisar, sob este prisma, o dinamismo locacional das microrregiões que compõem a mesorregião Norte de Minas, identificando possíveis grupos de atividades capazes de auxiliar processos de desenvolvimento local. Resultados apontam para a necessidade de reavaliar tipologias para a periferia e combinar práticas e planos de desenvolvimento com efeitos horizontais, mas com complemento de desenhos de desenvolvimento específicos para estas regiões.

Palavras-Chave: Desenvolvimento local; Periferia; Norte de Minas; Lugares abandonados.

Área temática: 1. Economia

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

¹ Doutoranda em Economia, Cedeplar/UFMG. E-mail: patrineeco15@gmail.com

² Professor no Cedeplar/UFMG. E-mail: atmc@cedeplar.ufmg.br.

1. Introdução

Um aspecto importante em estudos e planos de desenvolvimento de cunho regional é a avaliação das características e peculiaridades de diferentes espaços. Tal investigação é fundamental, uma vez que as regiões são dotadas de condições socioeconômicas divergentes, além de estruturas produtivas particulares, o que implica em desafios desiguais para o desenvolvimento regional.

O estado de Minas Gerais, segundo maior do país em termos de população, com 21.411.923 habitantes (IBGE, 2021) se encaixa nesse panorama. Com 12 mesorregiões (IBGE, 2017), Minas Gerais apresenta relevante heterogeneidade regional na distribuição de suas atividades econômicas, bem como diferentes características socioeconômicas que influenciam diretamente no peso de cada região no PIB, emprego, renda, IDH, entre outros indicadores. A divisão Norte-Sul no Estado é notável: em 2019, cinco mesorregiões (Metropolitana de Belo Horizonte, Triângulo Mineiro, Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata e Vale do Rio Doce) concentravam 80% do PIB mineiro (FJP, 2019). Na outra ponta, quando observadas as cinco regiões com menor participação no PIB estadual, a participação no PIB cai para 12%. Na parte norte do Estado, foco deste trabalho, o contexto indica vulnerabilidades significativas. De acordo o Índice Mineiro de Responsabilidade Social (FJP, 2016), as mesorregiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri respondem por cerca de 60% da população estadual vivendo em municípios carentes (socialmente vulneráveis) e apenas 7,0% do emprego formal no Estado (MEC-SEDESE, 2020).

Levando em conta a desigualdade entre as regiões mineiras, é importante considerar a inadequação de modelos de desenvolvimento *one-size-fits-all*, centrados em planos comuns, sem identidade regional, com resoluções de cima para baixo, voltados ao dinamismo econômico típico de regiões centrais e, vv que desconsideram as especificidades, limitações e potências naturais das regiões periféricas. Em geral, as periferias não são consideradas em usuais planos de desenvolvimento, em especial aqueles que procuram incentivar estruturas produtivas e institucionais de maior caráter tecnológico e alta complexidade, geralmente considerados os únicos capazes de alavancar crescimento sustentável e inclusivo. Entretanto, as abordagens práticas e políticas devem ultrapassar rótulos previamente impostos a lugares periféricos e procurar circunstâncias que capacitem os atores locais a se envolverem em processos de transformação regional (Nilsen *et al*, 2023). Deste modo, reconhecer e avaliar características de espaços periféricos permite verificar as oportunidades existentes para o desenvolvimento nestes espaços e ajudar na elaboração de políticas mais adequadas de crescimento e desenvolvimento local.

Mediante o exposto, o objetivo deste trabalho é analisar a mesorregião do Norte de Minas e averiguar, a partir do contexto periférico, alternativas de desenvolvimento para a região. A hipótese principal é a de que a tipificação da região como periférica exige a qualificação das avaliações de potenciais de desenvolvimento sob novo prisma. Ao reforçar a necessidade de explorar os potenciais econômicos e sociais de cada região, Silva (2011) sugere que o crescimento regional pode estar relacionado com as diferentes vantagens locais, sendo possível averiguar potencialidades que sejam capazes de oferecer condições sustentáveis de desenvolvimento na periferia.

Desta forma, este estudo tem por objetivo específico analisar, a partir de uma tipologia específica para regiões periféricas, o dinamismo locacional das microrregiões que compõem o Norte de Minas Gerais, identificando possíveis grupos de atividades capazes de auxiliar processos de desenvolvimento local. Além desta introdução, o presente trabalho segue com uma breve revisão bibliográfica sobre a abordagem do desenvolvimento local e das periferias. A seção seguinte apresenta uma análise descritiva da mesorregião Norte de Minas e suas

características de região abandonada (*left behind*). Na seção 4 são tratados os aspectos técnicos da metodologia *shift-share* e os principais resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2. Os Lugares Abandonados e o Desenvolvimento Local

De forma geral, o campo de estudos em desenvolvimento regional atenta-se à análises das causas que levam à distribuição heterogênea das atividades econômicas entre as regiões e, conseqüentemente, das desigualdades do crescimento. Segundo Ottati (2013), a partir dos anos 1950, diante das conseqüências da Segunda Guerra Mundial, abriu-se a agenda de estudos em desenvolvimento regional com viés marcado nas desigualdades centro-periferia. Este é o caso da tradicional teoria dos pólos de crescimento (Perroux, 1967), pela qual o desenvolvimento regional ocorre de forma irregular, irradiando-se de determinadas localidades para outras em função da relação entre indústrias motriz e movida e do efeito multiplicador. Assim, um polo industrial complexo, típico do centro, teria a capacidade de transformar o meio que está localizado e, ainda, toda a estrutura de uma economia nacional, incluindo a periferia.

Já Myrdal (1960) utiliza-se da noção de ciclos virtuosos e viciosos para expressar os mecanismos existentes de desigualdade regional. Ao retratar o processo de causação circular, os efeitos de um choque de crescimento se avolumam no centro, com a maior geração de emprego, renda e demanda local, com arrasto para outros setores de atividade e regiões. Para Gonçalves *et al* (2000), a concepção da causação circular e cumulativa também admite que, se um sistema sofre primeiramente a ação de uma força negativa, conseqüentemente, outros efeitos negativos serão desencadeados, de forma que os ciclos são potenciais geradores de desigualdades. Os efeitos regressivos para as periferias incluem emigração seletiva, vazamento de renda e poupança e redução de investimentos, em um rol de fatores que vulnerabilizam as relações socioeconômicas e precarizam a população (LIMA e SIMÕES, 2010).

Em face das inúmeras mudanças no contexto internacional na década de 70, como a crise do sistema fordista de produção, o fim do arranjo financeiro internacional e a derrocada do estado keynesiano, o tratamento dispensado ao desenvolvimento regional se modifica, em seu campo teórico e prático. Diante a intensificação da globalização, da internacionalização da produção e da crescente financeirização, a análise do desenvolvimento passa a se esmerar nas virtudes locais de certos arranjos produtivos, de características flexíveis e adaptativas, além das instituições que dão suporte ao desenvolvimento. As abordagens passam a esboçar as virtudes do lugar, sem abandonar a concepção enraizada nas capacidades dos processos (centrífgos e centrípetos) das aglomerações, como é o caso da discussão de vantagens comparativas regionais (Porter, 1990). A periferia, por sua vez, passa a ser identificada principalmente pela ausência destas virtudes locais, sendo preemente a necessidade de criar as condições favoráveis para o seu desenvolvimento.

Para Brandão (2007), as vertentes teóricas que surgem neste bojo se assemelham no suporte da escala local como princípio fundamental no processo de desenvolvimento, com foco nas particularidades regionais e, em geral, no crescimento de dentro para fora. A concepção de desenvolvimento endógeno, típica de modelos macroeconômicos, passa a ser incorporada nas discussões sobre crescimento regional, consoante a perspectiva do funcionamento, sem falhas, dos mercados locais. Esta capacidade de ajustamento e adaptação dos mercados é um dos principais argumentos, por exemplo, de modelos de acumulação flexível (Piore e Sabel, 1994), da abordagem dos distritos industriais italianos (Brusco, 1982; Becattini, 1987; Bagnasco, 1988) e dos estudos de arranjos produtivos locais (Schmitz, 1997 e

Porter, 1998). Estes modelos ressaltam vínculos e interdependências geradas pela concentração espacial, além da cooperação e confiança no conjunto marshalliano. As capacidades locais específicas à criação, assimilação e adaptação a novos processos, por sua vez, estão no bojo do que foi intitulado "regiões de aprendizagem" (Scott e Storper, 1986; Scott, 1988; Storper e Walker, 1989), aquelas nas quais o tecido socioproductivo promove e potencializa processos endógenos dinâmicos de aprendizagem coletiva.

A partir desse conjunto de modelos, portanto, é possível afirmar que, de forma geral, a discussão sobre desenvolvimento passa a ser centrada, como princípio basilar, nas particularidades do local. Barquero (1988) define este "desenvolvimento local" como uma mudança nos valores sociais, institucionais e político-administrativos que promovem uma estrutura de apoio às atividades econômicas mais competitivas. Ninacs (2002) destaca que o desenvolvimento implica em transformações nas estruturas locais para melhorar a vida das pessoas, exigindo controle dos recursos econômicos e interação entre sociedade civil e instituições. Buarque (1999) caracteriza o desenvolvimento local como um processo endógeno que promove o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população, impulsionado pela mobilização da sociedade e suas capacidades específicas.

Entretanto, para Haddad (1994), o crescimento da atividade econômica local por si só não é garantia do desenvolvimento socioeconômico, pois este requer uma nova organização social que se manifesta i) na capacidade local de tomar decisões e implementar políticas que considerem diferentes perspectivas de desenvolvimento; ii) no reinvestimento dos ganhos locais para diversificar a economia e garantir sustentabilidade a longo prazo; iii) na habilidade interna de gerar impulsos tecnológicos próprios e; iv) na criação de uma identidade socioespacial, valorizando as características regionais em todos os aspectos. Passa a ser essencial, portanto, conhecer e reconhecer a realidade de cada lugar, sua identidade socioespacial, os agentes e as potencialidades presentes, em particular quando lidamos com regiões que não se encaixam nos perfis ideais preconizados para o desenvolvimento, como as periferias.

Para Davenport e Zaranko (2020) e Hendrickson *et al* (2018), há lugares abandonados ou "deixados para trás" (*left behind*), usualmente desconsiderados nas análises de desenvolvimento: são regiões com menor produtividade de fatores, emprego e salários; baixo nível de escolarização; altos índices de desvantagem e pobreza; emigração e encolhimento da população; e com limitados ativos sociais, econômicos e infraestrutura. Estes espaços sem protagonismo perfazem uma periferia que, além da estigmatização, passa a ser ignorada e, portanto, desfavorecida em diferentes dimensões. Kinossian (2019) ressalta que os estudos não devem ignorar as diferentes combinações de dimensões e contextos de lugares abandonados. Este entendimento particular, dentro da perspectiva de desenvolvimento, deve ser capaz de reconhecer estas regiões e modificar a forma como as desigualdades são entendidas e enfrentadas, indo além das abordagens convencionais existentes, permitindo formular respostas institucionais e políticas mais eficientes.

Segundo a concepção acima, o Norte de Minas Gerais seria uma região abandonada, ao menos na visão do Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (PMDI, 2011)³. Ao descrever as "lógicas de desenvolvimento" para o estado, o PMDI descreve os seguintes eixos regionais: agronegócio na porção oeste do estado, a indústria extrativa mineral, a leste, e a indústria automotiva e de bens de capital, na região centro sul. Na sequência, o plano indica o Norte como lugar abandonado:

“Há ainda um quarto espaço econômico em Minas Gerais, localizado nas porções norte e nordeste do território estadual, *que não se mostra efetivamente integrado a nenhuma das três lógicas de desenvolvimento*

³<https://www.mg.gov.br/planejamento/documento/plano-mineiro-de-desenvolvimento-integrado-pmdi-2011-2030>

citadas anteriormente. Trata-se de uma região historicamente marcada pelo fraco dinamismo econômico e pela limitada integração a mercados, cujas consequências são visíveis na baixa qualidade dos seus indicadores socioeconômicos. Incluem-se nesse espaço as regiões Norte e Jequitinhonha/Mucuri, além de parte das regiões Noroeste e Rio Doce.” (PMDI, 2011, p.126, grifo nosso).

Nilsen *et al* (2023) discute variadas abordagens para lugares abandonados tomando como base a composição e relações de poder dos atores existentes (governos locais, empresários, universidades, sociedade civil etc.). A partir desta sistematização e foco na periferia, é possível entender as potencialidades e restrições de desenvolvimento destas regiões. A Tabela 1 resume possíveis combinações destas condições, sugerindo quatro tipos de lugares periféricos.

Tabela 1. Tipos de periferias, características e implicações para a agência de mudança local.

	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV
Dimensões periféricas baseadas em agências				
Composição do ator	Diferenciado	Diferenciado	Indiferenciado	Indiferenciado
Relações de poder	Balanceda	Distorcida	Balanceda	Distorcida
Típico para	Centros regionais de serviços	Regiões especializadas	Regiões rurais	Regiões baseadas em recursos
Pré-condições regionais por tipo				
Tamanho da população	Médio	Médio	Pequeno	Pequeno
Ensino superior	Oferta relativamente ampla	Tipicamente presente, com oferta especializada	Indisponível	Às vezes presente, com oferta altamente especializada
Força de Trabalho	Variados níveis de habilidades	Alto nível de habilidades relacionados a especialização	Baixos níveis de habilidade	Mistura de baixos níveis de habilidade e especialistas altamente qualificados
Diversificação	Média	Baixa	Baixa	Baixa
Especialização	Média	Alta	Baixa	Alta
Redes Externas	Conectar regiões metropolitanas e interior	Redes de produção global (GPNs) (às vezes com empresas líderes locais)	Posições de rede periférica	Parte de GPNs (normalmente envolvendo multinacionais como empresas líderes)
Instituições	Senso de comunidade	Visão de mundo comum as indústrias existentes	Senso de comunidade, muitas vezes protetora	Interesses de representantes da elite
Implicações para a agência de mudança local				
Espaço de Oportunidade	Relativamente amplo	Estreito	Difuso	Muito estreito
Perspectiva de Desenvolvimento	Resiliente	Bloqueado	Vulnerável	Bloqueado e vulnerável
Atuação do governo local	Orquestrar esforços entre grupos de atores e negociar hierarquia regional (Metropolitana-periférico)	Negociar colaboração entre atores dominantes e marginais	Fornecer serviços e infraestrutura básica	Envolver a empresa líder na construção da cadeia de valor local; negociar colaboração entre atores dominantes e marginais;

				fornecer serviços e infraestrutura básica
Empreendedorismo Institucional	Estimular a proatividade e engajamento de todos os atores	Legitimar atividades além das especializações existentes	Cultivar uma mentalidade empreendedora	Legitimar atividades para além da indústria baseada em recursos; nutrir o empreendedorismo e cultura de mente aberta
Empreendedorismo Inovador	Promover a combinação de diferentes tipos de conhecimento local e global	Promover o acesso ao conhecimento fora da especialização existente	Promover acesso ao conhecimento fora da região para compensar a baixa intensidade de conhecimento local	Promover o acesso ao conhecimento fora da especialização existente; promover o acesso ao conhecimento fora da região para compensar a baixa intensidade de conhecimento local

Fonte: Nilsen *et al* (2023, p. 758)

O primeiro tipo de periferia destaca-se como centro de serviços regionais. Nesta categoria existem representações de atores diferenciadas, com relações de poder equilibradas, caracterizando-se por uma diversidade de serviços relativamente elevada, com alta proporção de instituições do setor público, acesso às instituições de ensino superior (IES) e uma reserva ligeiramente forte de capital humano. Já o tipo II de periferia engloba as regiões especializadas do tipo fechadas, com uma gama variada de atores locais, mas com relações de poder enviesadas. Dado seu foco industrial, são regiões altamente especializadas em uma ou duas áreas, com infraestrutura existente que busca atender as necessidades da atividade econômica dominante. Geralmente recebem apoio nacional para suporte ao seu nicho setorial. As empresas líderes são as maiores empregadoras da região e impulsionam a atividade de fornecedores locais, enquanto o governo local e outras organizações intermediam essas ligações.

Na terceira categoria estão as regiões rurais vulneráveis, com baixos níveis de diferenciação de atores. São espaços de estrutura industrial inexistente ou com poucas empresas de pequeno porte, com atividades de baixo conteúdo tecnológico. Estes lugares geralmente têm dificuldade em atrair e reter mão-de-obra qualificada, além de baixa oferta de instituições de ensino superior, consequentemente reduzindo a capacidade de recursos humanos locais. Por fim, a distância geográfica entre as empresas também é um desafio, uma vez que o afastamento e o acesso precário aos centros econômicos centrais significam que as regiões rurais são funcionalmente desfavorecidas em termos de capital humano, estrutura institucional fina e vínculos com os mercados (Eder, 2019).

Finalmente, o tipo IV também inclui regiões vulneráveis, mas com atividades baseadas em recursos, com pouca diversificação de atores e relações de poder extremamente distorcidas. Suas atividades se concentram, principalmente, na extração de recursos naturais, disponíveis localmente em um ambiente de baixa densidade populacional e, muitas vezes, rural. O ator dominante é tipicamente uma ou poucas empresas extrativistas que exercem significativa influência no desenvolvimento local. A mão-de-obra disponível é geralmente uma mistura entre trabalhadores pouco qualificados e executivos advindos de outras regiões, altamente escolarizados. Em contraste a esse cenário, os atores periféricos são menos poderosos e o governo local é muitas vezes forçado a atender às exigências da empresa dominante.

A próxima seção avalia a região Norte do Estado de Minas Gerais sob a ótica das tipologias dos lugares abandonados, a fim de averiguar suas características e condições e discutir potencialidades, espaços de oportunidade, vantagens locais e alternativas ao desenvolvimento da região.

3. A mesorregião Norte de Minas Gerais

A mesorregião Norte de Minas Gerais, contém 89 municípios divididos em sete microrregiões: Bocaiúva, Grão Mogol, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora e Salinas. Conforme dados do IBGE, sua população perfazia 1.730.000 habitantes em 2021, com aproximadamente 77,5% dos seus municípios apresentando população inferior a 20 mil habitantes. Os municípios de Janaúba, Januária, Pirapora e São Francisco contam com uma população entre 50 e 100 mil habitantes e somente Montes Claros pode ser considerado um município de médio a grande porte, em termos populacionais, sendo que em 2021 sua população total era 417.000 habitantes (IBGE).

A formação econômica da mesorregião baseou-se na atividade pecuária em conjunto à economia de subsistência. Porém, para Rodrigues *et al* (2004) houve alguma diversificação da estrutura produtiva regional ao longo dos anos, a partir das intervenções do governo do Estado em quatro eixos de desenvolvimento: reflorestamento de eucaliptos e pinhos; implantação de grandes projetos agropecuários; instalação de indústrias correlatas à atividade extrativa; e implantação de perímetros de agricultura irrigada. As intervenções propiciaram algum grau de diversificação de atividades tipicamente concentradoras de renda, com o agravante de privilegiarem alguns espaços muito específicos na região que acentuaram contrastes regionais.

Dado sua grande diversidade natural, social e econômica, Pereira e Lessa (2007) consideram que o Norte de Minas apresenta o maior dualismo do Estado, dado que suas forças de dinamismo se contrapõem a uma tradição de atraso que caracteriza toda região, justificando estudos sobre a dinâmica local e alternativas para o desenvolvimento perante sua realidade. Para entendermos como esta região se encaixa na perspectiva de “lugares deixados para trás”, vamos observar o perfil socioeconômico de cada microrregião que a compõe e identificar suas características e tipologias periféricas.

Tabela 2. Participação do emprego formal, por setor de atividade, na mesorregião Norte de Minas

Setor de Atividade	Bocaiúva		Grão Mogol		Janaúba		Januária		Montes Claros		Pirapora		Salinas		Norte de Minas	
	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021	2011	2021
Agricultura	21,1	16,9	51,4	29,6	22,5	16,3	14,1	12,3	4,7	4,2	20,6	21,8	16,9	12,5	13	10,9
Indústria Extrativa	0,1	1,2	1,0	2,6	0,2	1,2	0,1	0,3	0,2	0,1	0,3	0,2	0,9	1,1	0,3	0,5
Ind. Transformação	20	23,1	3,5	4,1	10,1	12,2	3,4	3,4	10,2	13,7	24,5	22,1	8,8	8,4	11,6	13,4
Construção	1,5	1,6	0,4	0,2	3,0	9,9	2,6	0,7	5,2	4,6	2,7	2,3	2,4	1,9	3,8	4,3
Com. e Serviços	25,9	27,6	8,3	13,5	28	28,9	25,2	30,3	48,6	43,8	24,8	25,7	27	30,1	36,6	35,3
Ativ. Financeiras	0,5	0,8	0,2	0,2	1,4	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1	0,9	0,7	0,7	0,6	1,0	1,0
Ativ. Imobiliárias	0	0	0	0	0,1	0,1	0	0,1	0,2	0,2	0	0,3	0	0	0,1	0,2
Serv. Especializ. ⁴	0,9	1,6	0,1	0,4	1,9	1,8	0,9	1,5	1,3	2,5	0,6	1,1	0,9	1,4	1,1	1,8
Adm. Pública	28,1	24,1	33,7	47,8	28,6	22,7	49,9	45,6	18,5	18,2	21,9	20,8	39,2	38,6	26	24,5
Educação	1,3	1,4	0,1	0,1	2,2	1,9	1,1	2,4	4,5	3,4	1,6	2,1	1	1,3	2,9	2,6
Saúde	0,5	1,5	1,3	1,5	1,90	3,9	1,5	2,2	5,1	7,9	1,9	2,7	2	3,9	3,3	5,3
Arte e cultura	0,1	0,2	0	0	0,1	0,1	0,2	0,1	0,4	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,2

Fonte: RAIS 2011 e 2021, elaboração própria.

De acordo com os dados da RAIS, a mesorregião Norte de Minas tinha 242.157 empregos formais em 2021, um aumento de 13% com relação a 2011. Neste período, os

⁴ Esta seção compreende as atividades especializadas profissionais, científicas e técnicas que requerem uma formação profissional específica, normalmente com elevado nível de qualificação e treinamento: atividades jurídicas, contabilidade, arquitetura e engenharia, pesquisa científica, fotografia, serviços veterinários etc.

setores que mais cresceram, em termos de emprego, foram: indústria extrativa (+116%), serviços de comunicação e informação (+92%), atividades imobiliárias (90%), serviços especializados (+77%), saúde humana e assistência social (+80%)⁵ e indústria de transformação (+31%). Em contrapartida, alguns setores tiveram retração no emprego formal ou ficaram estagnados: serviços domésticos (-90%); transporte, armazenamento e correios (-10%); agricultura e afins (-5%); educação (+1%).

De acordo com a Tabela 2, em todas as microrregiões do Norte de Minas há predominância de trabalho formal nos setores de comércio, serviços básicos e serviços públicos (Administração pública), ou seja, setores com baixo dinamismo e de cunho auxiliar no funcionamento da estrutura produtiva destas regiões. Os setores ligados à agricultura e algumas indústrias de transformação são as principais fontes de estímulo econômico encontradas na região. Utilizando o Quociente Locacional⁶, é possível observar a especialização das microrregiões do Norte. Na Tabela 3, estão contidos os setores especializados, bem como outras informações que auxiliam a identificação da tipologia periférica de cada microrregião.

Tabela 3. Características socioeconômicas e produtivas das microrregiões do Norte de Minas

Microrregião (nº Municípios)	Bocaiúva (5)	Grão Mogol (6)	Janaúba (13)	Januária (16)	Montes Claros (22)	Pirapora (10)	Salinas (17)
nº habitantes – mil, 2021	74,2	45	259	293	667	176	223
População média por município mil, 2021	14,8	7,5	19,9	18,3	30,0	17,6	13,1
Renda média mil R\$, 2021	1,79	1,82	1,91	2,11	2,22	2,09	1,79
Oferta de Ensino Superior (Por Universidade) (Por área de ensino) (Número de cursos) (2023)	<u>Unimontes</u> *L (2)	-	<u>Unimontes</u> *CA: B (3) Tec (1) M (2) *L (1)	<u>Unimontes</u> *L (6) <u>IFNMG</u> *Eng (3) *L (4) *CSA (1)	<u>Unimontes</u> + de 40 cursos de graduação em variadas áreas <u>IFNMG</u> *Eng (3) <u>UFMG</u> *CA (5) *CSA (1)	<u>Unimontes</u> *L (2) <u>IFNMG</u> *Eng (2) *CSA (1)	<u>Unimontes</u> *CSA (1) <u>IFNMG</u> *CA e Eng (4) *L (5) *T (1) <i>cachaça</i>
+ 25 anos com ensino superior 2010	6%	4%	5%	6%	10%	6,5%	4,5%
Diversificação 2021	Não	Não	Não	Não	Relativa	Não	Não
Especialização 2021	Agrícola; Metalurgia Serviços	Extração madeira e minerais	Agrícola Comércio	Agrícola Comércio	Comércio; Serv. Especial.; Saúde	Agrícola; Metal Ind. Têxtil	Agrícola;

Fonte: RAIS 2011 e 2021, IBGE, DATAVIVA, elaboração própria. Nota: na linha Oferta de Ensino superior: L=licenciatura, CA=Ciências Agrárias, B=Bacharelado, Tec=Tecnólogo, M=mestrado, Eng=Engenharias, CSA=Ciências Sociais Aplicadas.

⁵ Em decorrência da pandemia COVID 19.

⁶ $QL = (E_{ij} / E_j) / (E_i / E_{\bullet\bullet})$. Onde: E_{ij} é o emprego do setor i na microrregião j ; E_i é o emprego do setor i de todas as microrregiões; E_j é o emprego de todos os setores na microrregião j ; $E_{\bullet\bullet}$ é o emprego total do Estado.

As microrregiões de Janaúba, Januária e Salinas possuem características de regiões rurais. Com exceção dos municípios que levam o nome da microrregião, todas as outras cidades que as compõem são de pequeno porte, com uma população menor que 30.000 habitantes. Apesar destas regiões possuírem provedores de educação superior, com cursos focados em licenciaturas e ciências agrárias. A porcentagem de adultos com mais de 25 anos que possuem ensino superior completo, entretanto, não passava de 6% em 2010. As regiões apresentam rendimento médio mensal abaixo de dois salários-mínimos, baixa diversificação e especialização produtiva, com destaque para setores ligados à agricultura.

A microrregião de Grão Mogol também é composta por municípios de pequeno porte (entre 10 e 20 mil habitantes), com foco e especialização na indústria extrativa e agricultura. Não há oferta de educação superior, o rendimento médio do trabalho é menor que dois salários-mínimos e s baixa qualificação, porém, como espelho de região periférica do tipo 04 (região baseada em recursos), concilia tal realidade com a presença de ocupações que requerem maior escolaridade e salários, a exemplo do cargo de supervisores administrativos que auferem uma renda mensal em torno de R\$7.000,00 (DATAVIVA, 2021).

Considerando as características das tipologias periféricas apresentadas na Tabela 1 e as informações sobre a microrregião de Montes Claros na Tabela 3, podemos inferir que, dentro da mesorregião Norte de Minas, ela se encaixa no tipo I – Centro Regional de Serviços: tem médio porte, oferta relativamente ampla de ensino superior (apesar da mão-de-obra não acompanhar esse grau de qualificação) e relativa diversificação, principalmente no setor de serviços. Ainda que o rendimento médio mensal de sua população seja abaixo de dois salários-mínimos, possui a maior média de rendimento do trabalho entre todas as microrregiões norte-mineiras. Vale ressaltar que tal realidade reflete as condições da cidade de Montes Claros, que sozinha abrange 60% da população da microrregião e ocupa a posição de pólo regional de serviços do Norte de Minas Gerais.

Por fim, conforme dados da Tabela 3, apesar das microrregiões de Bocaiúva e Pirapora serem apresentarem aspectos rurais, é preciso salientar que elas também têm destaque na especialização no setor industrial. De acordo com Mesquita e Araújo (2022), existem atividades econômicas desenvolvidas nestas regiões relacionadas à extração de ferroliga, metalurgia, têxteis, confecção, minerais não metálicos, entre outros, que são de extrema importância para seu dinamismo. Desta maneira, estas microrregiões situam-se entre as periferias do tipo II e III: são especializadas em alguns ramos industriais, ofertam educação superior restrita (pouco relacionada ao setor com características de especialização) e possuem empresas líderes que são influentes na composição dos atores locais. Porém, este contexto esbarra na realidade regional, especificamente na situação dos municípios de pequeno porte, agrícolas, com mão-de-obra de baixa qualificação. Isto implica em analisar os espaços de oportunidade nas duas categorias, quando forem discutidas, adiante, as possibilidades de desenvolvimento para estas localidades.

Após verificarmos as tipologias periféricas que cada microrregião do Norte de Minas está inserida, podemos analisar possíveis estratégias de crescimento e desenvolvimento regional com base nas implicações para a agência de mudança local, sugeridas por Nilsen *et al* (2023) que reforça as relações de poder entre os atores locais e seu papel no avanço da região. Ademais, conhecer as potencialidades locais permite-nos reforçar os espaços de oportunidade que podem dar suporte a um maior dinamismo e desenvolvimento local. Sendo assim, a próxima seção busca inteirar-se das potencialidades das microrregiões do Norte de Minas e avaliar possíveis vantagens competitivas na região, com base nos resultados de uma análise derivada do método diferencial-estrutural.

4. Avaliando Potencialidades do Norte de Minas

A base de dados utilizada corresponde ao emprego efetivo formal, por atividade econômica, de 2011 e 2021, da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). O intervalo de tempo escolhido se justifica por tratar-se do período mais recente para os dados do Estado de Minas Gerais, sendo 10 anos um período razoavelmente longo para captar as mudanças na estrutura produtiva desta mesorregião.

De acordo Junior e Simões (2011), o principal benefício da RAIS é o nível detalhado de desagregação geográfica e setorial dos dados e estes estarem atualizados. Entretanto, sua limitação encontra-se no fato de que o instrumento só abrange o emprego formal, o que pode ser um pouco prejudicial a esta análise, dado que o mercado de trabalho norte-mineiro é ainda carregado de informalidade⁷.

As atividades econômicas estão agrupadas em 21 grandes seções, conforme a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0) do IBGE. Dado o caráter exploratório deste estudo e a fim de alcançar o objetivo proposto, será utilizado o método diferencial-estrutural (*shift-share*) modificado (Gonçalves *et al*, 2000; Junior e Simões, 2011; Silva e Menezes, 2018; Resende e Hasegawa, 2020). Pelo método de análise estrutural-diferencial é possível averiguar se uma região apresenta um ritmo de crescimento maior do que a média de um agregado de regiões, devido à sua caracterização estrutural. Esse dinamismo pode ser decomposto a partir da estrutura produtiva da região, possibilitando avaliar diferenças setoriais e/ou regionais.

De forma mais específica, o crescimento do emprego regional, entre o período 0 e 1, pode ser dividido em três componentes: variação regional (R), variação proporcional ou estrutural (P) e variação diferencial (D), de acordo equação (1):

$$\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 = R + P + D \quad (1)$$

Em que:

- E_{ij} é o emprego do setor i na microrregião j ;
- $\sum_i E_{ij}$ é o emprego total na microrregião j ;

A decomposição do indicador se dá a partir das taxas relativas de crescimento, seja em termos da comparação com uma região de referência ou com setores produtivos na região de referência. A variação regional (R) do emprego na microrregião é aquela que teria ocorrido caso a região crescesse conforme a taxa de crescimento do emprego em Minas Gerais, no mesmo período de análise. Já a variação proporcional ou estrutural (P), equivale ao montante adicional (positivo ou negativo) de emprego que uma região poderá obter como resultado de sua estrutura produtiva. Caso a variação seja positiva, há indícios de existência de setores específicos da região com taxas relativamente mais altas de crescimento. Por fim, a variação diferencial (D) indica o montante positivo (ou negativo) de emprego que a mesorregião conseguirá porque a taxa de crescimento do emprego, em determinados setores, foi maior (ou menor) nesta região do que na média estadual. Dessa maneira, se o emprego em determinado setor cresceu na mesorregião mais do que na média estadual, indica que a mesorregião possui vantagens competitivas neste setor, destacando, portanto, seus fatores regionais.

⁷ Diante a informalidade presente no Norte de Minas Gerais, o Censo Demográfico teria maior capacidade de captar o número de empregados em cada setor, porém, sua última publicação foi em 2010, sendo que o comparativo dos dados seria entre (2000 e 2010). Deste modo, optou-se pelo uso da RAIS, por conter dados mais atuais sobre o emprego do Estado de Minas Gerais (período 2011 a 2021) e nos serve para um primeiro parâmetro.

De forma a complementar a análise e transpor limitações do método, Esteban-Marquillas (1972) propõe a inclusão de um novo elemento E_{ij}^* , denominado emprego homotético, no lugar do emprego efetivo inicial E_{ij} . O emprego homotético é o emprego que este setor teria se a mesorregião j tivesse uma estrutura de emprego idêntica à estrutura estadual. Ademais, para eliminar a influência estrutural sobre o efeito diferencial, os autores acrescentam o efeito alocação (A), que indica se a região é especializada em alguma atividade produtiva (a partir do emprego homotético) e quais setores apresentam maiores vantagens competitivas a partir do diferencial de crescimento entre a região analisada e a região de referência.

Dessa maneira, a variação do emprego regional é dada pela soma das equações do valor do emprego regional, a partir da suposição do emprego homotético, da relação estrutural, diferencial competitiva e de alocação. No Quadro 2, encontram-se resumidamente as quatro combinações possíveis para o efeito alocação.

Quadro 2. Sinais para tipologia do efeito alocação

Alternativas		Efeito Alocação	Especialização	Vantagem Competitiva
1	Desvantagem Competitiva Especializada	Negativo	+	-
2	Desvantagem Competitiva Não Especializada	Positivo	-	-
3	Vantagem Competitiva Não Especializada	Negativo	-	+
4	Vantagem Competitiva Especializada	Positivo	+	+

Fonte: Haddad (1977).

De acordo com Silva (2021), os municípios mais dinâmicos são os que possuem vantagem competitiva especializada (Tipo 4), isto é, o setor i encontra-se bem representado na microrregião e cresce mais nela do que no contexto estadual.

Um efeito alocação positivo pode indicar duas situações: i) a microrregião é especializada na produção do setor i (+) e esse setor está crescendo mais na mesorregião do que no estado (+); ii) esse setor está crescendo menos do que a média estadual (-) e a microrregião não é especializada nesse setor (-). Já o efeito alocação negativo pode significar: i) a microrregião não é especializada na produção do setor i (-), mas esse setor cresce mais na microrregião do que no estado (+); ii) a microrregião é especializada na produção do setor i (+), no entanto, esse setor cresce menos na microrregião do que no estado (-).

4.1 Resultados

Considerando os aspectos pertinentes da literatura sobre lugares abandonados (Tabela 1) e os tipos de periferia existentes na região de estudo, observamos que há limites para a perspectiva de desenvolvimento das regiões do Norte de Minas Gerais, em especial por suas precárias estruturas socioeconômicas. Dessa maneira, iniciativas que promovam mudança do patamar (nível) socioeconômico devem obrigatoriamente fazer parte da agenda de desenvolvimento do Norte de Minas, incluindo maior participação do governo local através do fornecimento de serviços e infraestrutura básica e programas de melhoria da qualidade de vida da população, além da otimização do funcionamento da estrutura produtiva, envolvendo empresas líderes, em especial as que operam no ramo extrativo. Ademais, nestas políticas de desenvolvimento com efeitos de nível, é importante também dar suporte ao empreendedorismo local, com foco na diversificação produtiva relacionada e na capacitação

local, buscando conexões entre as regiões para aproveitamento de transbordamentos de conhecimento entre elas.

Para a análise específica de cada região, foram definidas quatro categorias, a partir dos resultados⁸, que permitem visualizar a importância dos setores em cada microrregião, identificando potenciais regionais (vantagens competitivas)⁹. O Quadro 3 resume estas categorias.

Quadro 3. Classificação das microrregiões norte-mineiras

Setor	Microrregião						
	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Agricultura e afins	■	■	■	■	■	■	■
Indústria Extrativa	■	■	■	■	■	■	■
Indústria de Transformação	■	■	■	■	■	■	■
Eletricidade e Gás	■	■	■	■	■	■	■
Saneamento Básico	■	■	■	■	■	■	■
Construção	■	■	■	■	■	■	■
Comércio	■	■	■	■	■	■	■
Transporte e Armazenagem	■	■	■	■	■	■	■
Alojamento e Alojamento	■	■	■	■	■	■	■
Informação e comunicação	■	■	■	■	■	■	■
Atividades Financeiras	■	■	■	■	■	■	■
Atividades Imobiliárias	■	■	■	■	■	■	■
Serviços Especializados	■	■	■	■	■	■	■
Atividades Administrativas	■	■	■	■	■	■	■
Administração Pública	■	■	■	■	■	■	■
Educação	■	■	■	■	■	■	■
Saúde	■	■	■	■	■	■	■
Arte e afins	■	■	■	■	■	■	■
Outros Serviços	■	■	■	■	■	■	■
Serviços Domésticos	■	■	■	■	■	■	■
Organizações Internacionais	■	■	■	■	■	■	■

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) - 2011 e 2021, elaboração própria.

Legenda:

- Tipo 1 - Desvantagem Competitiva, Especializada;
- Tipo 2 - Desvantagem Competitiva, Não Especializada;
- Tipo 3 - Vantagem Competitiva, Não Especializada;
- Tipo 4 - Vantagem Competitiva, Especializada;

Dada sua classificação como centro regional de serviços (tipo I), os resultados para Montes Claros indicam especialização com vantagem competitiva nas ocupações de saúde humana, serviços sociais e outros serviços (organizações associativas, reparação e manutenção de equipamentos etc.). Este resultado reflete a polarização regional na oferta de serviços à toda população norte-mineira, principalmente na área da saúde, em que a cidade

⁸ As tabelas contendo os resultados dos efeitos estrutural (P), diferencial competitivo (D') e alocativo (A), em geral e para indústria de transformação norte-mineira (Quadro 4) encontram-se no apêndice.

⁹ Uma vez que o setor de administração pública é o que mais emprega relativamente na região, a metodologia adotada acaba por apontá-lo como competitivo. Entretanto, o setor administrativo (serviços públicos) merecem tratamento diferenciado acerca de duas potencialidades e, portanto, não será considerado na análise.

núcleo conta com especializações e serviços mais complexos, indisponíveis na maior parte dos municípios da mesorregião.

As vantagens competitivas da região de Montes Claros se resumem aos setores de agricultura, construção, serviços de alojamento e armazenamento, serviços especializados e na indústria de transformação. Neste último, de modo específico, a região exhibe indicadores potenciais em atividades metalúrgicas; contudo, o destaque é na produção de farmoquímicos e produtos farmacêuticos, em ocasião da localização, no município de Montes Claros, de um conglomerado de multinacionais no ramo¹⁰. Desta maneira, esta microrregião ostenta maior dinamismo, mas concentrados e centralizados no município de Montes Claros, indicando uma perspectiva de desenvolvimento mais resiliente, calcado na interação entre os atores locais, bem como na relação com poderes externos que ajudam a promover a combinação dos diferentes tipos de conhecimento local e global.

Em Grão Mogol, os resultados apontam especialização na agricultura, sendo representativa no extrativismo de madeira, mas o setor não oferece vantagem competitiva para a região. Por outro lado, a região apresenta primazias nos ramos industriais extrativo e de transformação, ainda que voltados a exploração de recursos naturais (madeira)¹¹ e em algumas atividades do setor de serviços. Porém, apesar destes serem setores potenciais, a região ainda não possui especialização em nenhum deles.

A concentração de atividades econômicas com pouca capacidade na promoção de dinamismo local em Grão Mogol é indicativo de que a região, de pequeno porte, encontra-se relativamente em atraso no contexto mesorregional. Isto é confirmado por características regionais periféricas baseadas na agricultura e extração de recursos (tipo III), o que requer políticas de desenvolvimento que transformem suas precárias condições socioeconômicas e estimulem empreendedorismo local, como sugerido na Tabela 2.

Na microrregião de Bocaiúva há destaque para a indústria de transformação como potencialidade local, uma vez que possui vantagem competitiva e especialização; entretanto, o ramo metalúrgico é o de destaque de especialização, uma atividade com características que impõem limites ao desenvolvimento. Pelo Quadro 3, observamos também que a microrregião apresentou vantagem competitiva na maioria das esferas do grande setor de Serviços, inclusive nas ramificações mais complexas, como Atividades Financeiras, Atividades Imobiliárias e Serviços Especializados. Estes setores agregam na estrutura produtiva local, ainda que a indústria seja o setor chave para a economia da microrregião. Importante ressaltar que, apesar desta região se mostrar especializada no ramo da agricultura, de modo específico, nos subsetores da criação de bovinos e outros animais de grande porte, cultivo de café, frutas de lavoura permanente, algodão herbáceo e nas atividades de apoio à agropecuária (RAIS, 2021), a atividade não apresenta vantagens competitivas e, portanto, não pode ser considerada um potencial regional. Isto pode ser um alerta para que o tipo de seguimento que a região está se especializando pode sobressair mais como um impeditivo do que uma saída dinâmica para o desenvolvimento.

A classificação na tipologia de periferia para a região de Bocaiúva, portanto, não é trivial. A região tem pequeno porte, oferta limitada de ensino superior e baixo nível de habilidade da mão de obra local (considerada a especialização em um setor intensivo em capital) e atividades agrícolas com destaque. Desta forma, pode ser considerada periferia do tipo III (Tabela 1). Entretanto, a região também apresenta especialização no setor metalúrgico, conexões (limitadas) com cadeias de produção e produção primária que atende mercados internacionais. Por este lado, estas características definem o tipo II de periferia. Há, portanto, indícios nos resultados para a região de Bocaiúva, de um tipo de periferia intermediário entre os dois tipos apresentados.

¹⁰ Ver apêndice, Quadro A4.

¹¹ Ver apêndice, Quadro 4.

Em Janaúba e Januária, os resultados indicam que as vantagens competitivas, do tipo especializado, aparecem no setor agrícola e comércio. A microrregião de Janaúba, localizada no Vale do Grotuba, é conhecida pela presença dos projetos de irrigação que permitiram o desenvolvimento de atividades agrícolas (Mesquita e Araújo, 2022). Dessa maneira, se destaca no cultivo de frutas de lavoura permanente, principalmente na produção de banana, com apoio do Projeto Jaíba na região. Por sua vez, Januária é relativamente importante nas atividades de criação de bovinos, cultivo de soja, cultivo de cereais e cultivo de frutas de lavoura permanente (RAIS, 2021).

Avaliando os resultados específicos para o setor industrial, ambas microrregiões possuem vantagem competitiva na indústria extrativa e de transformação. Conforme Quadro A4 (apêndice), Janaúba se destaca na produção de minerais não metálicos, na produção de móveis e na indústria têxtil. Já Januária sobressai na produção de metais, têxtil e de produtos diversos (materiais de uso médico, equipamentos para segurança, jogos recreativos, artefatos de ourivesaria, bijouterias, escovas, pincéis, vassouras, artefatos para pesca ou ainda, instrumentos musicais). Todavia, estas microrregiões não exprimem especialização em nenhuma dessas áreas. A classificação destas regiões na tipologia de periferias da Tabela 1 também deve ser considerada com cuidado, pois ambas regiões são de porte médio a nível local com alguma diversificação produtiva, além de possuírem oferta de ensino superior, mas possuem primazia em atividades primárias que ressaltam aspectos de regiões rurais, incluindo especialização e vantagens em atividades agrícolas. É possível sugerir que Januária e Janaúba também integrem um grupo diferente de periferia: diferentemente da região de Bocaiúva, que tem especialização produtiva clara, alguma inserção em cadeias produtivas, mas porte pequeno e limites de qualificação da mão de obra local, as regiões de Januária e Janaúba tem maior porte e oferta mais diversificada de serviços educacionais, mas não se destacam por especialização produtiva na indústria de transformação e integram redes periféricas, o que requer, também, uma nova classificação intermediária entre os tipos II e III

A microrregião de Pirapora, por seu vez, tem destaque de especialização na agricultura e indústria de transformação. De acordo com o Quadro A4 (apêndice), a metalurgia, produção têxtil e produtos de madeira se destacam como atividades industriais. Entre as atividades agrícolas, tem-se criação de bovinos, cultivo de soja, cereais, frutas de lavoura permanente (uva). Estas características aproximam a região do tipo II de periferia, apesar de seu pequeno porte. As perspectivas de desenvolvimento são estreitas, exigindo esforços para ampliação das capacidades locais, maior diversificação produtiva e ampliação das conexões regionais.

Por fim, a microrregião de Salinas é especializada no ramo da agricultura, mas não possui vantagens competitivas neste setor. Portanto, no contexto do método estrutural-diferencial utilizado, não ocorreu classificação de potencialidades, trazendo o mesmo alerta de vulnerabilidade (tipo III). Entretanto, vale notar o porte médio da região e algumas atividades com potenciais vantagens competitivas que podem receber maior atenção, entre elas serviços especializados, educação, saúde e assistência social. Tanto o município de Salinas quanto o de Taiobeiras são polarizadores na área da saúde, tornando-se pequenos centros que oferecem serviços e especializações de leve a média complexidade, gerando influxos de renda para as atividades locais. Além disso, verificam-se vantagens competitivas no setor industrial extrativo e de transformação, de modo mais específico, na produção de bebidas alcólicas, dado a fabricação de cachaça artesanal no município de Salinas e arredores.

De modo geral, a mesorregião Norte de Minas apresentou vantagens competitivas, com ou sem especialização, na indústria de transformação, comércio e algumas ramificações do setor de serviços (alojamento e alimentação, serviços especializados, saúde e serviços sociais). O setor agrícola é o de maior destaque, responsável por quase 11% de seu emprego

formal e praticamente todas as microrregiões se caracterizam como especializadas no setor (com exceção de Montes Claros).

5. Considerações Finais

A necessidade de se conhecer a realidade de cada lugar, suas demandas, identidade socioespacial e potencialidades é essencial quando lidamos com regiões que não se encaixam nos perfis ideais do desenvolvimento convencional, no caso, os lugares abandonados. Estes lugares "deixados para trás" (*left behind*) apresentam características singulares que devem ser consideradas cuidadosamente em estudos e planos de desenvolvimento.

A mesorregião Norte de Minas contém muitas das características apontadas por Davenport e Zaranko (2020) e Hendrickson et al (2018), que a enquadra como região periférica abandonada: baixo nível de produtividade em suas atividades econômicas, desemprego e baixos salários; menor nível de escolarização; pobreza; emigração e encolhimento da população; ativos sociais, econômicos e infraestrutura limitados.

Outro ponto importante quando discute-se o desenvolvimento de lugares abandonados é que podemos considerar, de modo geral, que este advém de uma gama de esforços em aproveitar suas potencialidades e recursos, com o objetivo de gerar iniciativas que propiciem redução das desigualdades. Sendo assim, é importante investigar setores econômicos que possuam potencial em cada região, principalmente naquelas de maior vulnerabilidade socioeconômica, a fim de identificar meios para promover maior dinamismo e crescimento da economia local, mediante a elaboração de políticas de desenvolvimento mais adequadas a cada realidade.

Desse modo, o presente trabalho buscou analisar o dinamismo locacional das microrregiões que compõem a mesorregião do Norte de Minas Gerais, identificando possíveis grupos de atividades capazes de potencialmente auxiliar nos processos de desenvolvimento local. A partir dos resultados, foi possível observar que Janaúba e Januária apresentaram vantagens competitivas e especialização no setor agrícola; enquanto Bocaiúva e Pirapora apresentaram vantagens competitivas na indústria de transformação, ainda que centradas em metalurgia (recursos naturais) e extrativa (madeira), setores de atividades de baixo conteúdo tecnológico.

Foi ainda possível, ao longo do estudo, classificar algumas das microrregiões pelo tipo de periferia destacado por Nilsen et al. (2023): Grão Mogol como região baseada em recursos e Montes Claros como centro de serviços especializados. Entretanto, para as outras microrregiões, os padrões encontrados não permitem classifica-las de forma inequívoca na tipologia sugerida, o que indica a necessidade de considerarmos novas tipologias, em particular para países periféricos. Regiões como Januária e Janaúba, por exemplo, têm porte médio dentro do contexto regional e algum grau de especialização em atividades agrícolas, típicas do tipo II, mas ainda padecem com mão de obra pouco qualificada e dependência dentro de uma rede periférica e local, características que são típicas do tipo III. Esta junção de tipos reforça a noção do dualismo local da região Norte e a percepção da necessidade de avaliar a região "periférica da periferia".

6. Referências Bibliográficas

BARROS, M. O. et al. O desenvolvimento do turismo: uma visão sistêmica. Anais do IV Congresso Brasileiro de Sistemas. Franca/SP, 2008.

BOISIER, S. Hay espacio para el desarrollo local em la globalización? Revista de la CEPAL. Santiago/Chile, n. 86, 2005.

BRANDÃO, Carlos. Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Minas Gerais: mapa de demanda por educação profissional. Belo Horizonte/MG, 2020.

BUARQUE, S. C. Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável. Brasília, PCT – INCRA/IICA, 1999.

CAVALCANTE, L. R. Produção Teórica em Economia Regional: Uma Proposta de Sistematização. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, Juiz de Fora/MG, v. 02, p. 9-32, 2008.

COUTO, F. F.; CKAGNAZAROFF, I. B. Prefeituras priorizam o desenvolvimento local? Um estudo qualitativo do caso de Montes Claros/MG de acor),do com a visão de gestores públicos locais. Administração Pública e Gestão Social, 8(4), p. 225-234, out.-dez. 2016.

DINIZ, Clélio Campolina. A questão regional e as políticas governamentais no Brasil. In: SZMRECSANYI, T. COELHO, F.S, Org(s). Ensaios de História do Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Atlas, 2007, p. 81-95.

ESTEBAN-MARQUILLAS, J. M. Shift and share analysis revisited. Regional and Urban Economics, v. 2, p. 249–261, 1972.

GONÇALVES, E. et al. O caráter espacial do desenvolvimento de Minas Gerais: um estudo das alternativas locacionais através do método diferencial-estrutural. In Anais. IX SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, Diamantina, Cedeplar/UFMG, 2000.

HADDAD, P. R. Padrões regionais de crescimento do emprego industrial de 1950 a 1970. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 39(1), pp. 3-45, jan./mar. 1977.

HADDAD, P. R. Os novos polos regionais de desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro: INAE, n. 1, 1994.

HIRSCHMAN, A. O. Estratégia do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1961.

JUNIOR, A. A. B; SIMÕES, R. F. A dinâmica setorial e os determinantes locacionais das microrregiões paulistas. Economia Aplicada, v. 15, n. 4, p. 641-670, 2011.

LIMA, A. C. da C; SIMÕES, R. F. Teorias Clássicas do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica: O caso do Brasil. RDE – Revista de Desenvolvimento econômico, Salvador/BA, nº 21, 2010.

MESQUITA, Virgínia A. N; ARAUJO, Vanessa. M. O mosaico Norte Mineiro: uma proposta de caracterização regional (Brasil). Revista Espacios, v. 43 (01), p. 88-104, 2022.

MYRDAL, Gunnar. Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.

NINACS, W. A. Le pouvoir dans la participation au développement local. Dans un context de mondialisation. In: TREMBLAY, M.; TREMBLAY, P.; TREMBLAY, S. Développement local, économie sociale et démocratie. Canadá: Editora da Universidade de Québec, 2002.

NORTH, Douglas. Teoria da localização e crescimento regional. In: SCHWARTZMAN, J. Economia Regional: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR/CETEDRE – MINTER, 1977.

OTTATI, A. M. A, dos Anjos. As dinâmicas e as desigualdades regionais de desenvolvimento no estado do Maranhão. 2013. 226 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

PEREIRA, L. A. G.; LESSA, S. N. Norte de Minas: Logística de Transportes e Exportações. Revista Cerrados (UNIMONTES), v. 5, p. 63-83, 2007.

PERROUX, F. A Economia do século XX. Porto: Herder, 1967.

RESENDE, C. E. Caracterização da estrutura produtiva do Estado do Paraná: uma análise estrutural-diferencial entre 2002 e 2014. 2018, 76 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2018.

RESENDE, C. E.; HASEGAWA, M. M. Caracterização da estrutura produtiva do Estado do Paraná: uma análise *shift-share* entre 2002 e 2018. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba/PR, v. 41, n. 139, p. 15-31, jul/dez 2020.

RODRIGUES, L. et al. Especializações em atividades agropecuárias nos municípios da macrorregião Norte de Minas - MG, a partir do Índice de Concentração normalizado (ICn). In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 42., Cuiabá: SOBER/UERJ/UFMT/Embrapa, p. 1-20, 2004.

SACHS, I. Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, J. C. A análise de componentes de variação (*shift-share*). In: COSTA, J.S. Compêndio de economia regional. Coimbra, Portugal: APDR, v. 2, p. 65-78, 2011.

SILVA, D. M.; MENEZES, G. R. Análise *shift-share*: um estudo para as mesorregiões mineiras no período 2005 – 2015. Revista Estudo e Debate, Lajeado/RS, v. 25, n.1, 170-191, 2018.

SILVA, C. S. Dinâmicas locais dos municípios do Estado do Tocantins entre 2001 e 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo/PR, 2021.

STREETEN, P. Tendências oscilantes no diálogo sobre o desenvolvimento. In: Desenvolvimento humano: leituras selecionadas. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, PNUD, 2003.

SUZIGAN, W. et al. Coeficientes de Gini locais—GL: aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo. Nova Economia, Belo Horizonte, v.13, n. 2, 2009.

TEIXEIRA, M. S. G, et al. Base de exportação e sua relação com o desempenho econômico: o caso do estado de Santa Catarina. Textos de Economia, Florianópolis/SC, v.16, n.1, p. 95-116, jan./jul. 2013.

VÁSQUEZ, B. A. Desarrollo local: una estrategia de creación de empleo, Madrid: Ed.Piránude, 1988.

APÊNDICE

Tabela A2. Efeito estrutural das microrregiões do Norte de Minas Gerais, por setor de atividade

Setor/Microrregião	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Agricultura e afins	-239,66	-271,85	-599,31	-278,04	-493,66	-596,42	-385,75
Indústria Extrativa	2,23	10,55	12,78	3,45	32,66	15,42	39,15
Indústria de Transformação	-146,99	-12,03	-174,07	-43,85	-696,06	-455,22	-131,08
Eletricidade e Gás	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Saneamento Básico	7,79	0,00	0,71	0,94	25,13	15,34	0,00
Construção	-17,30	-1,87	-79,48	-52,23	-547,02	-76,47	-54,71
Comércio	48,16	5,97	153,36	111,14	743,09	126,03	125,85
Transporte e Armazenagem	9,15	1,50	7,42	4,38	51,22	12,95	7,13
Alojamento e Alojamento	-7,75	-1,49	-13,01	-8,39	-126,25	-26,74	-17,22
Informação e comunicação	23,86	1,40	40,70	25,26	333,55	72,98	9,36
Atividades Financeiras	6,78	1,02	40,34	21,24	123,61	27,91	16,61
Atividades Imobiliárias	0,72	0,00	9,34	3,59	126,48	7,90	4,31
Serviços Especializados	20,35	0,60	95,99	33,33	257,43	32,53	41,11
Atividades Administrativas	3,75	2,71	24,51	7,86	614,21	14,94	21,34
Administração Pública	-183,70	-103,01	-437,82	-567,02	-1124,12	-361,35	-516,43
Educação	2,01	0,06	8,14	2,91	66,26	6,30	3,20
Saúde	20,12	24,36	171,91	108,37	1833,12	183,21	159,55
Arte e afins	0,13	0,02	0,46	0,49	6,20	0,69	0,54
Outros Serviços	-16,11	-1,53	-83,42	-36,79	-768,03	-41,54	-37,13
Serviços Domésticos	-1,87	0,00	-6,54	-3,74	-42,96	-14,94	-11,21
Organizações Internacionais	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria, RAIS 2011 e 2021

Tabela A3. Efeito diferencial das microrregiões do Norte de Minas Gerais, por setor de atividade

Setor/Microrregião	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Agricultura e afins	-45,84	-123,09	64,07	45,34	295,45	328,77	-222,80
Indústria Extrativa	1438,82	65,62	1696,92	430,50	-356,63	-132,94	17,54
Indústria de Transformação	511,66	77,09	2928,32	424,53	8565,38	41,08	6,84
Eletricidade e Gás	-21,83	-10,17	-51,16	-37,96	-202,95	-55,05	-43,97
Saneamento Básico	25,07	-40,71	1215,56	718,97	-297,26	45,98	-175,96
Construção	163,03	-183,26	6598,29	-882,92	304,26	-3,54	-169,13
Comércio	400,57	1015,67	1092,38	577,85	-1453,30	100,78	135,11

Transporte e Armazenagem	-243,29	-118,64	364,08	89,29	-1074,09	-97,28	-274,92
Alojamento e Alojamento	139,94	50,32	693,38	279,71	109,38	-7,78	104,29
Informação e comunicação	151,56	244,27	475,48	423,69	-87,79	-76,24	3057,91
Atividades Financeiras	57,51	3,70	-64,35	34,76	-30,55	-122,91	-66,21
Atividades Imobiliárias	49,06	-18,29	39,35	46,91	-55,90	300,88	-34,60
Serviços Especializados	160,95	561,42	66,20	343,35	1421,36	537,87	173,09
Atividades Administrativas	1006,81	-275,87	2012,82	4138,36	-908,71	3314,30	697,58
Administração Pública	-108,62	288,89	479,35	167,88	1777,99	275,09	133,80
Educação	50,95	-13,74	147,39	1043,86	-836,95	446,54	228,12
Saúde	760,76	-75,66	1424,13	133,14	1265,42	243,80	505,32
Arte e afins	84,05	-1,90	38,64	-37,52	-49,64	81,94	46,39
Outros Serviços	130,98	318,71	255,38	347,37	92,91	74,39	194,85
Serviços Domésticos	-0,50	-0,23	-1,18	0,86	-0,63	-0,64	0,33
Org. Internacionais	-0,02	-0,01	-0,04	-0,03	-0,17	-0,05	-0,04

Fonte: Elaboração própria, RAIS 2011 e 2021

Tabela A4. Efeito alocação das microrregiões do Norte de Minas Gerais, por setor de atividade

Setor/Microrregião	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Agricultura e afins	-125,4	-996,5	191,3	67,6	-50,8	883,4	-442,4
Indústria Extrativa	-1312,7	-7,2	-1333,	-396,9	307,4	101,0	-4,1
Indústria de Transformação	105,7	-60,7	-1142,	-336,6	-3300,5	19,8	-3,1
Eletricidade e Gás	21,8	10,1	51,16	37,9	202,9	55,0	43,9
Saneamento Básico	-2,7	40,7	-1173,6	-674,3	205,4	-14,0	175,9
Construção	-127,6	174,0	-3791,3	550,2	-79,6	2,1	111,4
Comércio	-80,4	-799,8	93,8	35,1	-474,3	-17,2	5,0
Transporte e Armazenagem	-78,7	63,2	-197,4	-56,7	218,3	25,0	134,1
Alojamento e Alojamento	-63,6	-39,0	-422,6	-184,7	-4,8	1,9	-41,5
Informação e comunicação	-95,4	-232,8	-347,3	-328,1	38,9	42,0	-2837,4
Atividades Financeiras	-35,8	-3,2	2,8	-11,1	7,9	47,3	35,8
Atividades Imobiliárias	-46,8	18,2	-29,4	-40,8	7,9	-241,4	29,9
Serviços Especializados	-96,3	-547,1	-12,7	-213,5	-645,3	-401,0	-103,4
Atividades Administrativas	-917,8	238,0	-1516,3	-3697,1	-507,1	-2851,2	-523,2
Administração Pública	-55,3	236,1	256,6	282,1	-10,9	48,9	148,2
Educação	-33,2	13,4	-58,9	-741,7	-193,8	-253,6	-165,4
Saúde	-662,2	50,2	-751,9	-79,7	340,1	-129,8	-247,7
Arte e afins	-71,6	1,8	-29,8	25,1	11,3	-56,1	-31,9
Outros Serviços	-84,5	-295,7	-55,1	-185,4	76,1	-47,4	-115,7
Serviços Domésticos	0,2	0,2	0,3	-0,3	-0,1	-0,3	0,1
Organizações Internacionais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0

Fonte: Elaboração própria, RAIS 2011 e 2021

Tabela A5. Vantagem competitiva das microrregiões do Norte de Minas Gerais, por setor de atividade

Setor/Microrregião	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Agricultura e afins	-0,07	-0,42	0,04	0,04	0,05	0,21	-0,18
Indústria Extrativa	11,47	1,12	5,77	1,97	-0,31	-0,42	0,07
Indústria de Transformação	0,28	0,09	0,69	0,13	0,51	0,01	0,00
Eletricidade e Gás	-0,90	-0,90	-0,90	-0,90	-0,90	-0,90	-0,90
Saneamento Básico	0,34	-1,18	6,99	5,57	-0,43	0,25	-1,18
Construção	0,21	-0,51	3,66	-0,66	0,04	0,00	-0,11
Comércio	0,19	1,05	0,22	0,16	-0,08	0,02	0,03
Transporte e Armazenagem	-0,46	-0,48	0,29	0,10	-0,22	-0,07	-0,26
Alojamento e Alojamento	0,40	0,31	0,84	0,45	0,03	-0,01	0,15
Informação e comunicação	1,10	3,81	1,47	1,77	-0,07	-0,22	11,02
Atividades Financeiras	0,36	0,05	-0,17	0,13	-0,02	-0,31	-0,21
Atividades Imobiliárias	2,22	-1,78	0,76	1,22	-0,27	5,40	-0,78

Serviços Especializados	0,63	4,74	0,11	0,78	0,60	0,84	0,34
Atividades Administrativas	1,24	-0,73	1,05	2,92	-0,12	1,61	0,43
Administração Pública	-0,05	0,30	0,10	0,05	0,09	0,05	0,03
Educação	0,13	-0,07	0,16	1,50	-0,23	0,44	0,28
Saúde	1,73	-0,37	1,38	0,17	0,31	0,22	0,57
Arte e afins	1,55	-0,08	0,30	-0,40	-0,10	0,60	0,42
Outros Serviços	0,49	2,55	0,41	0,75	0,04	0,11	0,36
Serviços Domésticos	-0,13	-0,13	-0,13	0,12	-0,02	-0,06	0,04
Organizações Internacionais	-0,06	-0,06	-0,06	-0,06	-0,06	-0,06	-0,06

Fonte: Elaboração própria, RAIS 2011 e 2021

Quadro A4. Classificação das microrregiões norte-mineiras, de acordo método *shift-share* modificado, exclusivo setor indústria de transformação.

Indústria de Transformação	Microrregião						
	Bocaiúva	Grão Mogol	Janaúba	Januária	Montes Claros	Pirapora	Salinas
Metal							
Minerais Não Metálicos							
Papel e Celulose							
Alimentícios							
Vestuário							
Borracha e Plástico							
Couro e Calçados							
Têxteis							
Móveis							
Madeira							
Produtos Diversos							
Bebidas							
Fumo							
Veículos automotores							
Máquinas e equipamentos							
Produtos químicos							
Materiais elétricos							
Produtos eletrônicos							
Farmoquímicos/Farmacêuticos							

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) - 2011 e 2021, elaboração própria.

Legenda:

- Tipo 01 - Desvantagem Competitiva, Especializada;
- Tipo 02 - Desvantagem Competitiva, Não Especializada;
- Tipo 03 - Vantagem Competitiva, Não Especializada;
- Tipo 04 - Vantagem Competitiva, Especializada.